



**III SRCCC**  
Seminário Regional  
Comércio, Consumo e Cultura  
nas cidades  
Sobral-CE, 19 a 22 de junho de 2017

## **AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA FEIRA LIVRE DE IPU-CE: OLHARES, SABERES E LEITURAS DOS ALUNOS NA E.E.E.P. ANTÔNIO TARCÍSIO ARAGÃO**

Lucas Ferreira de Freitas

### **RESUMO**

O presente artigo tem como principal objetivo analisar as transformações socioespaciais da feira livre de confecções e artigos em geral de Ipu-CE, município localizado na Região Noroeste do Estado do Ceará, a 324 km da capital do Estado, Fortaleza. Desde sua criação, a feira livre de Ipu-CE, mais popularmente conhecida como “*Shopping Chão*”, passou por diferentes lugares na cidade chegando até mesmo a ser organizada no município de Varjota. Essas mudanças de território implicaram na própria organização da feira. O entendimento de como se configura o espaço a partir da dinâmica das ações do homem, no caso, seu fazer econômico, é fundamental para o estudo da Geografia. Por isso, aliou – se a análise do tema como estudo acadêmico com a proposta pedagógica de envolver alunos da Escola Estadual de Ensino Profissionalizante de Ipu sobre a partir de como percebem a feira e podem analisá – lo à luz da Geografia. Realizou - se levantamentos bibliográficos a respeito da origem das feiras livres e suas metamorfoses dentro e fora da cidade. Também trabalhos de campo, entrevistas, aplicação de questionários, fotografias, conversas informais com moradores, realização de uma oficina na E.E.E.P. Antônio Tarcísio Aragão. Os resultados obtidos demonstram como os alunos entendem a feira antes e depois da oficina.

**Palavras – chave:** Transformações Socioespaciais; Feira Livre; Ensino de Geografia.

### **1. INTRODUÇÃO**

O Município de Ipu-CE, cenário desta pesquisa, está localizado na Região Noroeste do Estado do Ceará, que conforme seu perfil básico em 2010 tinha uma população de 40. 296 habitantes. O município fica em uma posição de destaque, entre o Sertão Central e a Serra da Ibiapaba, tendo por território 25% de área serrana, na qual a vegetação, o clima e a altitude, tornam o referido município em estudo um dos melhores da região. Sua atividade econômica caracteriza – se predominantemente pelos setores Primário e Terciário, sendo o Industrial muito pouco desenvolvido. O setor de Serviços tem tido um crescimento muito forte nas últimas décadas.

Atualmente, a feira livre com enfoque a confecções, conhecida como “*Shopping Chão*”, tem sido um dos principais fatores responsáveis pelo fortalecimento da atividade econômica de Ipu, dando a este uma posição de destaque na economia regional quanto a ser um centro de comercialização no

ramo de confecções. Os benefícios são para os produtores, que têm aí um local para escoamento lucrativo das produções, para a população, que tem variedade a preços muito acessíveis, e até mesmo uma rede de comércio como beneficiária indireta: vendedores de comidas e bebidas, aluguel de estacionamento, melhorias na infraestrutura da área adjacente à feira, pelo Poder Público Municipal, e até mesmo valorização imobiliária do entorno.

A princípio, a feira situava-se na área Central de Ipu, entre as ruas Coronel Félix, Coronel Liberalino, Padre Corrêa e Dr. Milton Pinto. Hoje, situa - se na região periférica da cidade, no Bairro Alto dos 14, Rua São Domingos.

A partir dos dados obtidos na pesquisa de campo, pode-se ver que pela mudança do local em que a feira livre ocupava para outro espaço, ocorreu transformações socioespaciais da referida região, criando assim um fluxo maior de atividades comerciais a qual se encontra atualmente, essa nova localização ocorreu na gestão do então prefeito Henrique Savio Pereira Pontes, e teve vários fatores, que segundo o prefeito foram cruciais para mudança.

O intuito deste trabalho é compreender as transformações que estão acontecendo na Cidade de Ipu-CE, por meio da visão dos alunos do 2º Ano da Escola de Educação Profissional Antônio Tarcísio Aragão.

Visando entender o universo da feira, utiliza-se técnicas quantitativa e qualitativa, a saber: levantamento bibliográfico a respeito da origem das feiras livres; trabalho de campo em que se aplica questionários com perguntas objetivas e subjetivas com os agentes envolvidos na realização da feira.

O artigo científico encontra-se estruturado em três seções, o primeiro, apresenta uma breve discussão da origem das feiras livres a luz do pensamento de alguns autores, a saber: Sousa (2004); Le Goff (1991); Souto Maior (1978); Pazera (2003), e as principais características de Ipu-CE. A segunda seção, intenta entender como é a feira livre de Ipu-CE, desde sua criação, até as mudanças ocorridas em seu espaço urbano, a exemplo dos Bairros: Alto dos 14 e Centro. A terceira e última seção aborda a proposta e execução da oficina pedagógica para a compreensão do fenômeno da feira de Ipu e sua compreensão por parte dos alunos.

## **2. FEIRAS LIVRES: ELEMENTOS PARA ENTENDER O SEU PERCURSO**

Alguns autores colocam a origem das feiras livres a partir do Feudalismo, ao passo que nessa época já existiam trocas comerciais, a sociedade já produzindo excedente em que o mesmo já estava sendo comercializado por meio das trocas comerciais, como analisa Vieira:

No que se refere ao contexto historiográfico das feiras livres, no âmbito internacional, há evidências da mesma, a partir do feudalismo. Tendo em vista que

as sociedades feudais eram auto-suficientes e vendiam os seus excedentes através de trocas comerciais, com o processo do crescimento dos feudos e das cidades, essas sociedades, integraram-se ao avanço dos grandes centros (cidades), que cresciam gradativamente; com isso, o comércio que se sustentava a partir de trocas de produtos, passou a ser monetarizado e expandir suas influências ou fluxos, através de rotas comerciais. A economia natural do feudo auto-suficiente do início da idade média, se transformou em economia de dinheiro de um mundo de comércio em expansão. Nesse momento, deu-se a transição do sistema feudal para o capitalismo. Esta mudança não ocorreu de forma brusca, mas sim gradativa (VIEIRA, 2004, p.39-40).

Silva (2009, p.25) enfoca que: “Do ponto de vista histórico, a feira tem origem na Europa, a partir das relações de produção do regime feudal. Todo excedente da produção agrícola nesta época era comercializado através de trocas”. Para o mesmo autor, com o advento do crescimento do comércio e das cidades, as trocas de mercadorias começaram a ser realizadas principalmente com o dinheiro. Ainda para o autor esse processo de monetarização estabeleceu a expansão do comércio a nível mundial, a partir daí que começou “[...] a mudança do sistema feudal de produção para o regime capitalista” (SILVA, 2009, p.25).

Para Braudel (2005, p.459), as feiras livres eram diariamente abastecidas pelos camponeses, segundo o autor vinham das cidades circunvizinhas com variados produtos agrícolas, tais como legumes, frutas e flores.

Sousa (2004, p.196) coloca que a criação desses mercados periódicos vem da Baixa Idade Média, aonde para o autor supracitado, na época dos faraós, no período escravagista, e também na fase do feudalismo, não existiam as feiras livres tão acirradamente, principalmente porque na época, segundo o autor a produção era para o autoconsumo.

Souto Maior (1978) corrobora com Sousa, afirmando que as feiras livres possuem sua criação na Idade Média.

As influências das atividades comerciais de Bizâncio foram vis não somente para a Idade Média, mas até para a Idade Moderna, pois, o renovado contacto comercial com o Oriente foi uma das causas principais do aparecimento de muitas cidades do Ocidente europeu e a concorrência comercial estimulou os descobrimentos e a expansão da civilização européia no século XVI (MAIOR; 1978, p.190).

Na Baixa Idade Média, segundo Sousa (2004), a missão dos mercadores estimulou a transação de compra e venda de várias mercadorias, tais como: drogas, musselinas, sedas, especiarias e tapetes. Segundo o autor “[...] Nesta estrutura comercial, determinam-se os preços pelas forças competitivas do mercado, surgindo lentamente à concorrência entre os comerciantes medievais” (SOUSA, 2004, p.197).

As principais feiras livres que aconteciam na Baixa Idade Média eram as feiras de Champagne (França), Flanders (Bélgica), em Gênova e Veneza (Itália). Huberman (1981, p.24)

destaca um desses lugares, o autor coloca que “[...] as feiras mais importantes da Champagne eram de tal forma preparadas que duravam todo o ano - quando uma acabava, a outra começava etc. Os mercadores com suas mercadorias deslocavam-se de feira para feira”. Le Goff (1991), relata sobre o mercador em Champagne, na Idade Média:

Para chegar lá, os mercadores fizeram uma longa e difícil viagem; os italianos que transpuseram os desfiladeiros alpinos passaram cinco semanas na estrada. Precisavam, em primeiro lugar, de alojamento. A princípio, construíam-se acampamentos provisórios nas praças ou fora das cidades. Depois, os habitantes alugavam aposentos ou casas aos mercadores. Por fim, foram construídas para eles casas especiais de pedras resistentes a incêndios, com grandes subterrâneos abobadados para armazenar as mercadorias (LE GOFF, 1991, p. 15).

A breve contextualização da origem das feiras livres pelos autores mencionados acima, revelam a importância desses mercados periódicos para a humanidade, nela se comercializavam vários produtos, com diversos preços, e mostrou-se ao longo da história seu destaque dentro das cidades, se tornando uma prática econômica e social e principalmente marcando a história das maiores das cidades que cresceram ou se desenvolveram com esses mercados.

## **2.1. As feiras livres no Brasil**

Procura-se mostrar neste subcapítulo algumas definições da origem das feiras livres no Brasil, ressaltando a luz de alguns autores, tais como: Pazera (2003), Corrêa (2001), entre outros que colocam algumas definições sobre o surgimento desses mercados periódicos no país.

As feiras livres tiveram uma importância significativa no país, principalmente na região Nordeste, em que ganharam destaque, se tornando uma prática sociocultural, essas feiras ganham espaço principalmente nas cidades pequenas, que segundo Corrêa (2001, p.67) “Quanto maior for a importância da cidade, em termos de centralidade, maior será a importância absoluta de sua feira, importância determinada segundo o número de participantes e a área de atuação da mesma [...]”.

As feiras livres ganharam espaço no Nordeste, pois foi através das cidades localizadas nesses estados que começaram a surgir, ganhando evidência, e se tornando uma prática social e econômica dessas regiões no qual se encontram produtos que venham a suprir as necessidades dos indivíduos como um todo, tais como: legumes, comidas típicas, frutas, água. Gonçalves e Amora (2014), colocam que:

As primeiras feiras nordestinas caracterizavam-se, sobretudo, por serem espaços de comércio do gado, tendo grande importância na formação de núcleos de povoamento na região de modo que várias cidades tiveram origem com a feira. Nas cidades nordestinas, as feiras têm como principal característica, o comércio de rua situado, em geral, nas áreas centrais onde barracas são instaladas para abrigar os

produtos comercializados. Nessa maneira, muitos feirantes trazem sua pequena produção para ser comercializada no dia da feira, alterando, em muitos casos, a dinâmica da cidade dada a importância dessa forma de comércio na construção do lugar e das práticas espaciais cotidianas (GONÇALVES; AMORA, 2014, p.4).

Corrêa (2001, p.66), enfoca que as feiras do Nordeste se constituía como componentes fundamentais da rede de localidades centrais, que segundo o autor coexistiam com outros componentes de localização fixa. Para o mesmo autor, os mercados periódicos vão ser definidos como:

[...] aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade. Fora dos períodos de intenso movimento comercial esses núcleos voltam a ser pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades primárias (CORRÊA, 2001, p.50).

Silva e Silva *et al.* (2010, s/p), vão abordar que elas estão presentes em todas as cidades brasileiras, principalmente na região Nordeste do país, essas feiras vão abastecer toda a população, se caracterizando como mercado periódico, como podemos observar logo abaixo:

Presente em quase todas as cidades brasileiras, as feiras têm uma grande vinculação com a região Nordeste do Brasil, já que é a partir destas, que ocorre o abastecimento das mercadorias destinadas a atender às necessidades da população caracterizando a presença de um mercado periódico, típico de países subdesenvolvidos, que também atrai consumidores de cidades próximas, gerando fluxos de pessoas, capitais e mercadorias.

As feiras livres chegaram com a vinda da família real portuguesa ao Brasil em 1808, e consigo trouxeram uma das formas mais antigas de comercializar produtos e, que segundo Araújo (2003, p.09) as feiras livres dessa época foram “[...] o embrião das várias cidades brasileiras”.

Segundo Dantas (2008), as tribos indígenas daquela época tinham uma vida bem simples e tinham como principal objetivo comercializar produtos para sua subsistência.

[...] no Brasil pré-colonização, as tribos indígenas possuíam uma vida simples, baseada predominantemente na economia de subsistência, que tinha como única finalidade à satisfação de suas necessidades imediatas. Neste sentido, não havia motivo para a produção de excedentes e acumulação de riquezas, pois, por motivos culturais, eles desconheciam a propriedade privada. Quanto ao comércio intertribal, este se dava de forma muito peculiar, com os grupos delimitando um lugar específico para a troca de produtos, em geral para o adorno corporal (DANTAS, 2008, p.90 *apud* MOTT, 1975).

Pazera (2003, p.25), aborda que os indígenas daquele tempo possuíam uma vida simples, fundamentado num mecanismo de subsistência. Segundo o autor naquela época os índios não tinham motivos para a produção de excedentes e principalmente acumulação de riquezas, e que a sua cultura desconhecia a propriedade privada.

Para Silva e Silva *et al.* (2010, s/p), “A feira assume papel fundamental para o desenvolvimento econômico, na medida em que a partir dela é possível identificar as formas de organização espacial e as mudanças ocorridas ao longo do tempo”.

Desde antigamente, já era possível existir esses mercados periódicos, no qual o homem do campo vendia carnes, legumes, entre outros alimentos que abasteciam as cidades, segundo Gonçalves e Amora (2014), as feiras livres tornaram-se uma tradição cultural para a população, tendo importância no passado do país.

## 2.2. A feira de confecção no Ceará

Ao longo dos momentos, diferentes argumentos sociais e econômicos surgem e vão fazendo com que as coisas se transformem na sociedade, como por exemplo, a mudança do cruzeiro para o real, a mudança de uma inflação sem controle para uma mais controlada, a pobreza caiu, enfim, isso provoca uma transformação não só na sociedade, mas também nas feiras livres que desde a década de 70 vêm passando por mudanças em relação a sua forma e conteúdo. Segundo Gonçalves e Amora (2004) as feiras livres desde os anos 1970 vêm passando por mudanças significativas, que segundo eles:

[...]. Observamos, entretanto, no período atual, uma inserção maciça de produtos da indústria da confecção popular que chegam ao ambiente da feira a medida que está se insere na economia urbana. O grande volume de confecções negociadas no espaço das feiras juntamente com o comércio de rua, tornou-se para os trabalhadores autônomos, espaços de comercialização da produção de pequenas unidades confeccionistas que vão forjar circuitos espaciais da confecção popular que adentram em várias feiras do interior do estado. No contexto atual, a confecção deixou de ser apenas uma mercadoria dentre outras comercializadas para torna-se o principal produto comercializado na feira (GONÇALVES; AMORA, 2004, p.05).

De acordo com os autores supracitados a essa inserção da confecção popular vem principalmente da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), que buscaram nos últimos anos a comercialização dos seus produtos em feiras livres mais distantes, principalmente as que ficavam na região Noroeste do Estado do Ceará.

A atividade da indústria de confecções no Ceará caracteriza-se como uma das mais importantes do Nordeste, abrigando empresas de vários portes e uma linha de produção variada. Melo; Teixeira (2000), reportando-se a década de 1990, vão observar que a maior parte dessas empresas encontra-se na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), sendo que a maioria absoluta está situada na capital. Esses autores atentam, ainda, para os tamanhos diversos das empresas, constatando que cerca de 61% são compostas por microempresas. Se contarmos com as pequenas e micro essa porcentagem é estimada em 95% do universo dessas empresas (GONÇALVES; AMORA, 2004, p.05-06 *apud* MELO; TEIXEIRA, 2000, p.381).



Ainda segundo Gonçalves e Amora (2004), é grande o número de empresas que estão entrando no ramo da confecção popular, e consigo tem impulsado a expansão da produção de pequenas fábricas e facções, e que segundo os autores “[...] nos permite falar em um circuito da produção da confecção popular e sua articulação com os circuitos de distribuição e comércio dos produtos do vestuário em feiras populares situadas na capital e em cidades do interior do estado” (GONÇALVES; AMORA, 2004, p.06).

As principais feiras livres que esses autores abordam são as feiras de São Benedito, Ipu, Aprazível/Sobral, Deserto/Itapipoca e as que estão inseridas na capital do Estado Fortaleza. A feira livre de Ipu-CE é uma dessas feiras livres que são abastecidas por uma produção vinda da região metropolitana de Fortaleza, a feira que nos últimos anos vem passando por metamorfoses, antes vendiam principalmente produtos agrícolas e com a entrada maciça da confecção popular, as roupas vêm se tornando predominantes como a principal forma de comercialização entre os feirantes. Gonçalves e Amora (2004) afirma isso:

Assim, no intuito de conformar outros mercados, vários produtores passam a comercializar suas mercadorias em feiras mais distantes localizadas em cidades da região noroeste do Ceará a exemplo das feiras montadas no distrito de Aprazível em Sobral, na cidade de São Benedito e Ipu e no distrito de Deserto em Itapipoca [...] (GONÇALVES; AMORA, 2004, p.07).

Vale ressaltar que esse crescimento do setor informal vem ocorrendo por causa do mercado que é bem favorável nessas pequenas cidades da região Noroeste do Estado, se juntando então a um mercado favorável, sem cobranças fiscais, gerando para população emprego e renda e produtos em um só local a baixo preço. Abordando sobre o setor informal Alves (2001), coloca que:

A informalidade pode ser identificada como uma combinação de atividades informais tradicionais com novas formas de trabalho precário sem contrato de trabalho formalizado, visando atender as exigências da reestruturação produtiva do capital. A expansão dessas atividades é o indicador da intensificação da precarização e desregulamentação das relações de trabalho (ALVES, 2001, p.108).

Tendo em vista as transformações pela qual a feira livre de Ipu-CE vem passando nos últimos anos, este trabalho se propõe analisar como vem acontecendo esse processo e os impactos dessas transformações na cidade assim como na vida da população que mora em seu entorno.

### **2.3. Configuração sócio territorial de Ipu/CE**

O município de Ipu-CE está localizado na Região Noroeste do Estado do Ceará, a 100 km da cidade média de Sobral e 324 km da capital do Estado Fortaleza. A microrregião de Ipu, limita-se ao Norte com Reriutaba e Pires Ferreira; ao Sul, com Ipueiras; a Leste, com Hidrolândia; e a Oeste com

Guaraciaba do Norte e Croatá (IPECE/CEARÁ, 2014). O município é muito “privilegiado” entre os nossos vizinhos, visto que está geograficamente localizado entre esses municípios citados acima, por conta disso acaba por receber um grande fluxo de pessoas que toda semana visitam a cidade, tanto por seus pontos turísticos (Bica do Ipu, Igrejinha e Estação Ferroviária), como para comprar roupas na Feira Livre de Ipu-CE, conhecida popularmente como “*Shopping Chão*”.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, a população do Ipu era de 40.296 habitantes, sendo que na zona urbana é de 25.581 e na zona rural é de 14.715. A população da cidade, ou seja, da sede municipal é de 22.351 habitantes que corresponde a 55% de sua população total.

O Produto Interno Bruto (PIB) do município de Ipu, no ano de 2010, de acordo com o (IPECE/CEARÁ, 2014), é de 213.079 (R\$ mil) a preços de mercado, por setor econômico temos uma superioridade da atividade Comercial e de Serviços (75,71%), seguido por Agropecuária (14,86%) e por último Indústria (9,42%).

O setor terciário (comércio e serviços) tem se tornado no município de Ipu/CE de grande importância, gerando empregos para a maioria da população. Se formos analisar vamos ver sempre um aumento do setor de serviços no município de Ipu-CE, isso pode ser comprovado a partir dos dados do Perfil Básico do Municipal de (2012-2013-2014-2015).

### **3. A trajetória da feira livre de Ipu-CE: percurso temporal, elementos constituintes, sujeitos envolvidos**

A feira livre acontece às quintas-feiras numa área do Bairro Alto dos 14, Rua São Domingos, num lugar que tinha como única finalidade organizar festas e bailes, e que atualmente se transformou no principal palco da realização da feira livre. Faz-se importante ressaltar que antes desse local o “*Shopping Chão*” de Ipu, passou por diferentes lugares até fixar-se.

Não se sabe ao certo quando surgiu a feira de Ipu e, não há na Prefeitura registros de documentos que mostram seu surgimento, daí uma constatação da falta de formalidade em relação à existência da feira junto à gestão municipal.

A origem da feira livre estar intimamente relacionada com o marco da chegada da ferrovia na cidade em 10 de outubro de 1894, o trem passou a ter um papel importante para o crescimento econômico que favoreceu as transações comerciais e principalmente o surgimento de pequenos e médios estabelecimentos. O historiador Antonio Vitorino aborda ainda que foi a partir desse momento que começaram a surgir às feiras diárias no município de Ipu-CE.

Data deste momento, ainda, o surgimento das feiras diárias, verificado no período, e uma maior circulação de capitais. Toda a produção de hortifrutigranjeiros da fértil



serra da Ibiapaba descia a ladeira da mina, na subida da serra, e encontrava nas feiras, ao redor do Mercado Público, um meio de escoamento. Elas exerciam ainda uma atração de pessoas e mercadorias produzidas em cidades vizinhas.<sup>1</sup>

Conseguimos encontrar relatos da feira do Ipu, no Almaque Ipuense de 1963, revista que circulava no município de estudo, e nesse periódico diziam que a feira ocorria entorno do Mercado Público Municipal, e tinha uma grande importancia para a população local e circunvizinha.

Tem-se relatos de que no início do século XX no município de Ipu as feiras ocorriam principalmente em torno do mercado público no Centro da Cidade, que favoreciam atração de uma quantidade significativa de pessoas das regiões rurais do próprio município, e também de cidades circunvizinhas. Muitas dessas pessoas habitavam os sertões de Santa Quitéria, Ipueiras, Tamboril, Inhamuns e, até mesmo de Estados como Piauí.

[...]. Na cidade corria dinheiro, o comércio tornou-se ativo, abastecendo não só os habitantes dos sertões cearenses do Alto Acaraú como o da Serra-Grande e de alguns municípios do Piauí. Passavam, então, pelas estradas que cruzavam o antigo Ipu-Grande, as tropas e boiadas tangidas por comboeiros e por vaqueiros metidos em gibão e chapéu de couro. Muitos vinham dos sertões de Santa Quitéria, Ipueiras, Tamboril, Inhamuns; alguns demandavam o Piauí, subindo a Ibiapaba pela ladeira da Mina e do Corrente, esta mandada fazer por D. Pedro II. As feiras ficavam regurgitando de sertanejos e serranos, mascates, vendeiros, cegos pedindo esmolos, cantadores tocando violas. Os matutos tiravam do dorso de alimárias as cargas de gêneros, farinha, rapadura, frutas: amarrando os animais de sela ou de cangalha – cavalos, muares, jumentos – nas árvores em derredor do mercado, insuficientes para tantos.<sup>2</sup>

São muitos os relatos da origem da feira livre de Ipu, ao analisar o que discorre pesquisadores na área, como a versão de Melo (2014), ao colocar que a feira se dinamiza mesmo na gestão do prefeito Antônio Milton Pereira em 1988.

A pesquisadora apresenta em sua monografia os relatos de que a feira começou perto da Igreja Matriz, pertencente à Paroquia São Sebastião, no Centro da Cidade Ipu, na praça denominada Delmiro Gouveia, de início eram poucos os feirantes que vendiam e, que tinham como principal finalidade comercializar produtos para a população local, de início vinham feirantes de cidades vizinhas, inclusive também de Fortaleza, Capital do Estado, com o tempo a feira foi crescendo e se tornando importante para a população local, ou seja, ao que remetia tanto oportunidades de emprego, como forma de obter produtos em um só local a baixo preço.

A feira livre de Ipu começou junto com outra existente na época taxada de “*feira das frutas*” e, que ambas foram crescendo ficando quase impossível de conviver as duas no mesmo local, surgindo assim à necessidade de outro espaço.

<sup>1</sup> Site: <http://amoscanomeupao.blogspot.com.br/>. Acesso em 10/01/2017.

<sup>2</sup> Site: <http://amoscanomeupao.blogspot.com.br/>. Acesso em 10/01/2017.

A feira iniciava as sextas-feiras por volta das 3hs da manhã e terminava às 12hs. Com o passar dos anos a feira sofreu outra mudança drástica, indo para a Estação Ferroviária no ano de 1996, ali a feira começava na quinta-feira e acabava na sexta-feira, no horário de 22hs da noite de (quinta-feira) e indo até o outro dia até às 8hs da manhã de (sexta-feira).

No ano de 2010 a feira de Ipu sofre outra mudança, dessa vez indo para outro lugar que ficara distante do Centro da Cidade, na qual fora transferida em janeiro para o Grêmio Recreativo Ipuense, tendo como estopim um jogo político criado na época, a transferência ocorreu na gestão do então prefeito Henrique Sávio Pereira Pontes. Um dos motivos para conseguir tal deslocamento, era a falta de segurança, afirmando que o ambiente era aberto e isso “facilitaria” assaltos, além disso, foram colocados problemas relacionados ao lixo acumulado um dia posterior a feira.

Essa mudança teve diferentes motivações econômicas, políticas e questões que envolvem a falta de segurança para os feirantes e consumidores. Surgiram ainda rumores que a feira estaria sendo privatizada, perdendo seu caráter de essência de feira livre e pública.

Essa alteração ocasionou bastante polêmica, visto que os feirantes já estavam acostumados no Centro, por terem acesso a outros serviços, como: Bancos, Hotéis, Restaurantes. Os moradores do entorno da feira também ficaram insatisfeito pela possibilidade de perda de ocupação e pela distância a percorrer até o novo local. Tal fato, gerou certo “boicote”, e alguns feirantes decidiram ir para o município de Varjota colocar suas barracas.

Segundo matéria do Jornal Diário do Nordeste<sup>3</sup>, um grupo de 100 feirantes na época decidiram montar suas barracas no município vizinho, alegando ser o Grêmio Recreativo Ipuense, um espaço fechado e com dificuldade de circulação para os consumidores, além da falta de estrutura mínima, tanto dentro, como fora do Grêmio.

A prefeitura de Varjota cedeu um espaço para realização da feira livre fora do espaço urbano, na localidade de Várzea da Palha, em três meses de feira livre, o número de feirantes e de consumidores diminuiu, provocando uma transferência da mesma, saindo da Várzea da Palha e indo para o Centro da cidade de Varjota, em frente à Igreja Matriz.

Logo em seguida retornou em definitivo para a Cidade de Ipu, motivados pelos roubos nos dias de feira na Cidade de Varjota e, também pelo terreno sem infraestrutura para a realização da feira livre.

Segundo a mesma reportagem do Diário do Nordeste, os feirantes depois da mudança para a cidade de Varjota, passaram a ter reuniões diárias com o ex-prefeito de Ipu Sávio Pontes, com o objetivo de discutir as condições estruturais que o Grêmio Recreativo Ipuense poderia oferecer, ou

---

<sup>3</sup> Site: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/>. Acesso em 10/01/2017

seja, almejavam um espaço em que tanto os feirantes como os compradores poderiam desfrutar de uma área limpa, com iluminação adequada e com maior segurança.

A mesma reportagem ainda colocava que o espaço do Grêmio Recreativo Ipuense, contava inicialmente com: 18 sanitários, 2 banheiros e 1 estacionamento com capacidade para 100 ônibus. Nas 5 primeiras feiras não ocorreu cobrança de taxa por parte da Associação do Grêmio Ipuense, o que gerou satisfação para os feirantes.

Antes de a feira ser transferida para o Grêmio o gerenciamento era feito pela Prefeitura Municipal de Ipu, hoje segundo informações repassadas pelo tesoureiro da Associação do Grêmio, é a própria organização que gerencia a parte financeira na qual a mesma paga um tributo a prefeitura mensalmente chamado Documento de Arrecadação Municipal (DAM).

Quando a feira foi transferida do Centro, começava na madrugada de quinta para sexta-feira, no entanto atualmente a feira de Ipu só ocorre na quinta-feira tendo início às 17hs e encerrando por volta das 22hs, tendo já uma intensa movimentação horas antes no entorno e dentro do Grêmio.

Mais um fato inusitado tem polemizado novamente a feira livre de Ipu-CE nos últimos meses, seguranças estão cobrando uma taxa de R\$ 5,00 para os consumidores que querem adentrar horas antes de iniciar almejando adquirir os produtos com um preço significável para revenda.

Há um espaço organizado em forma de lojinhas isoladas no restante da feira por cordas, chamadas ironicamente de “Área Vip” do Grêmio, nesse espaço existe um acordo de abrir só uma entrada mais cedo e mantendo as demais entradas fechadas, assim os consumidores antes das 17hs da tarde só tem essas lojas para comprarem.

Antes de entrar no espaço da feira, os consumidores já conseguem ver o grande fluxo de pessoas arrumando as barracas, os feirantes chegando em diferentes meios de transportes (Ônibus, D-20, Motos, Carros, Bicicletas). A primeira visão dos consumidores quando chegam na feira do Ipu é de estar numa feira livre enorme, pela movimentação de produtos e de pessoas que trabalham e compram, chamando atenção do intenso fluxo de pessoas, que estão ali para vivenciar de fato a feira livre de Ipu-CE.

A feira começa a ser organizada pelos os chamados montadores, que armam as barracas e, esperam os feirantes para carregar as mercadorias, cada feirante paga a associação pela quantidade de carregadores e montadores. Logo depois da entrega dos carregadores é a vez das vendedoras, ou melhor, auxiliares de vendas, como são chamadas por algumas pessoas, às mesmas têm por função arrumar as roupas nas barracas e esperar a chegada dos consumidores.

As barracas são uma armação de ferro e distribuída pela associação do Grêmio Recreativo Ipuense, o *design* dessas barracas são em grades, elas ficam em extensos corredores que são

dispostos em uma forma retangular repetitiva, todas as barracas tem como identificação uma numeração.

A parte da iluminação é colocada por alguns feirantes, mesmo o Grêmio disponibilizando energia, a parte da iluminação é feito por alguns feirantes eles dividem a sua área, por exemplo, (no setor A fica o feirante X responsável, no setor B o feirante Y e assim por diante), sendo que cada feirante fica responsável por arrecadar o dinheiro pela iluminação, cerca de R\$ 1,00 cada barraca.

O cadastro de cada feirante é realizado por meio de uma ficha que é entregue para controle da associação.

### **3.1. O feirante**

Para conhecer o perfil do feirante que vende na feira livre de Ipu-CE, ao todo foram entrevistados 30 feirantes, no período de 03 a 31 de dezembro de 2015, através de questionários com perguntas abertas e fechadas e realizadas de forma aleatória. Para podermos entender melhor como é o perfil desses feirantes, faz se necessário ressaltar os dados referentes ao gênero, idade, município de origem, a escolaridade, transporte que utilizam para chegarem à feira, periodicidade, se fazem outras feiras na região, há quanto tempo vendem seus produtos na feira do Ipu, o que acham do local onde acontece a feira livre de Ipu-CE, entre outros dados referentes a pesquisa de campo realizada.

Depois de tabular os dados e analisar os resultados consegue-se constatar que 53% são do sexo feminino e 47% masculino, isso mostra que cada vez mais a mulher está entrando no mercado de trabalho.

Perguntou-se para os feirantes a sua idade, e pode-se constatar que a idade média dos feirantes varia, na faixa de 18-20 anos são cerca de 7%, entre 20-30 anos 13%, de 30-40 anos são 34%, 40-50 anos 33%, entre 50-60 anos tem 10% e 60-70 anos tem no total 3%.

Muitos feirantes colocam que ser analfabeto atualmente no país é difícil, daí o motivo em procurarem a feira para suprirem suas necessidades. Perguntou-se para os feirantes sobre a sua escolaridade, e constatou-se que 27% se declaram analfabetos. Cerca de 20% tem o Ensino Fundamental Completo, 13% tem o Ensino Fundamental Incompleto, 17% o Ensino Médio Completo, 10% tem o Ensino Médio Incompleto, 6% o Ensino Superior Completo e 7% o Ensino Superior Incompleto.

### **3.2. Condições de trabalho**

É fundamental destacar que a complementação de renda oportunizada pela feira aos ipuenses – jovens, homens e mulheres – assumiu um papel de muito destaque no cenário socioeconômico de Ipu, não pelo valor, mas por ser um complemento constante “fixado” pelo calendário anual da feira.

A cada feira cresce o número de pessoas que procuram uma ocupação que possa lhe render algum ganho, seja tornando-se feirante, ou se submetendo a uma sobrecarga de trabalho. Muitos se submetem a passar mais de 10hs por feira para ganhar no máximo R\$ 50,00 dependendo do feirante. Essa mão de obra tem baixo custo, não tem qualificação e muitos chegam no dia de feira e informam se estão precisando de ajudantes para vender os produtos ou carregar as mercadorias e, dependendo da oferta já começam no mesmo dia.

A primeira forma de emprego criado foram os chamados carregadores, esses começam a chegar em torno de 14hs às 15hs, e esperam os feirantes chegarem para carregar as mercadorias, esses carregadores recebem em médias R\$ 5,00 ou mais dependendo de cada feirante. No total realizam mais de 9hs de trabalho por feira, visto que todos têm que esperar a feira acabar para poder pegar as mercadorias e colocar nos transportes.

Logo depois vem os chamados montadores, eles são responsáveis pela montagem das barracas e esperam os feirantes para poder descarregar as mercadorias, cada feirante paga pela quantidade de carregadores. Eles montam as barracas que são uma armação de ferro, ajudam os feirantes a descarregar os produtos e esperam até no final da feira para receber no máximo R\$ 5,00 por cada feirante. Depois da entrega dos carregadores é a vez das vendedoras, ou melhor, auxiliares de vendas, como assim são chamadas por algumas pessoas. As mesmas têm o dever de ajeitar as roupas nas barracas e esperar a chegada dos consumidores para poder ajudar os feirantes a vender seus produtos. Elas recebem até R\$ 50,00 por feira dependendo do patrão, a maioria são mulheres que realizam essa função, visto que têm mais facilidade de atrair os consumidores, ou seja, obterem mais atenção.

Os seguranças são outra função, sendo contratados pela associação (02 efetivos). Outros são contratos por feira e ganham uma determinada quantia paga pelos feirantes. Os seguranças chegam cedo ao local e realizam em média 10hs de trabalho por feira.

Outro emprego informal que fora atribuído no “*Shopping Chão*” do Ipu, é a parte dos eletricitas, que têm a função de repassar para cada feirante um “cabo de energia” para poder iluminar a barraca, muitas vezes essa função é realizada pelos próprios feirantes que ficam divididos por área, e cobram no valor de R\$ 1,00 para cada feirante.

Existem também os garçons que são contratados pela associação, ficam na praça de alimentação, servindo os feirantes e consumidores e realizam mais de 8hs de trabalho por feira.

Também existem no espaço da feira os zeladores, que no final de cada feira limpam a área do Grêmio. Toda feira tem um número alto de resíduos sólidos que são colocados por feirantes e pelos consumidores e, essa função é importante para a limpeza do local. Outros personagens que compõem o cenário da feira são os locutores, que avisam informações importantes sobre a feira, e outros assuntos dos feirantes e por fim os cantores que são contratados pela associação para entreter tanto o feirante como as pessoas que estão ali para comprar os produtos.

### **3.3. As implicações socioespaciais a partir da transferência da feira livre: do Centro ao bairro Alto dos 14**

Neste subcapítulo analisa-se as implicações socioespaciais do bairro Centro a partir da transferência da feira livre ao Bairro Alto dos 14, em 2010.

O processo de mudança da feira livre de Ipu-CE mudou completamente a dinâmica do bairro Centro, fora a partir desse bairro que surgiu a cidade de Ipu, foi ali que surgiram as primeiras ocupações do município. O referido bairro se transformou ao longo dos anos e foi se tornando o principal bairro da cidade, pois ofertava tudo que a população precisava. Neste sentido Passos (2005, p.11) enfoca que: “A cidade é antes de mais nada, um produto histórico e social que vai se transformando à medida em que a população cresce, aglomera-se e concentra-se”.

A maioria das cidades surgiram com a criação do comércio, assim foi à Cidade de Ipu-CE, o comércio contribuiu muito para o crescimento da pequena cidade. Passos (2005) coloca que:

Historicamente, o comércio é uma atividade que se instala no núcleo das cidades, nas áreas centrais para onde convergem os fluxos de pessoas, mercadorias, informações, etc. A área central continua sendo o “coração” da cidade. É lá onde se encontram diversos tipos de comércio e serviços, tais como bancos, farmácias, lojas, lanchonetes, vendedores e ambulantes, etc. (PASSOS, 2005, p.11).

Gomes e Assis (2008, p.20) enfocam que é na área central da cidade em que as relações comerciais adquirem uma maior expressão, já que o Centro é, de fato, o “coração” e o “cérebro” do pequeno núcleo urbano. Corrêa (2002, p. 38) aborda que “[...]. Constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos [...]”.

No ano de 2010 na gestão do ex-prefeito Henrique Savio Pereira Pontes, a feira livre, mais conhecida como “*Shopping Chão*” se transferiu para o bairro Alto dos 14 e, consigo levou umas das formas antigas de atrair mais consumidores, com essa mudança houve um déficit grande para os comerciantes da área central, o centro que antes tinham a feira livre como propulsor de vendas dos



seus produtos, hoje se encontra somente com o Mercado Público, Galpão das Frutas e os Estabelecimentos Comerciais.

Com essa transferência da feira livre para o Grêmio Recreativo Ipuense, ocorreu uma diminuição de compradores e assim uma diminuição no número de vendas dos principais comércios. Alguns autores explicam que esse processo que ocorreu na cidade de Ipu-CE se denomina de descentralização, esse processo é comum nas cidades médias e grandes, e tem como objetivo expandir as principais atividades comerciais e de serviços do Centro, fazendo com que se dispersa para outros bairros. Corrêa (1989) coloca vários fatores para esse processo.

Aparece em razão de vários fatores. De um lado, como uma medida das empresas visando eliminar as deseconomias geradas pela excessiva centralização na Área Central. De outro, resulta de uma menor rigidez locacional no âmbito da cidade, em razão do aparecimento de fatores de atração em áreas não centrais (CORRÊA, 1989, p. 45).

Segundo Tavares (2015, p.16), a descentralização é um conceito amplo, que vai envolver os fenômenos que ocorrem nas grandes cidades, fenômenos estes que segundo o autor se acentuam mais concretamente no século XX e início do século XXI. O bairro mesmo com a saída da feira livre ainda é considerado a principal forma de se conseguir ocupação, lá se encontram os supermercados, lojas, padarias, restaurantes, farmácias, entre outros estabelecimentos. Encontra-se o Galpão das Frutas, com os produtos vindos da serra da Ibiapaba, funcionam todos os dias da semana. Junto com a feira da fruta também tem algumas barracas de roupas.

No Centro também se encontram o Mercado Público, essa área toma todo um quarteirão, disposto em um quadrilátero, sendo que são quatro entradas centrais e que dão acesso ao seu interior. Nesse local vende-se de tudo: peixes e carnes, café da manhã, almoço e lanches. Vale ressaltar que nos últimos anos tentaram realizar uma reforma, mas não se concretizou, o espaço se encontra precarizado.

O bairro Alto dos 14 é um dos bairros mais antigos do município, existe desde as primeiras décadas do século XX, junto com ele nasceram o Bairro Papo (Quadro da Igreja), Reino de França e Lagoa. O bairro Alto dos 14 se chama assim devido a um antigo morador da cidade, segundo o historiador Antonio Vitorino:

[...] Um de seus moradores, um mestiço que, chefe de uma família de 14 filhos, morava na subida da serra. Ele também teria se tornado uma espécie de líder local, além de comandar seus 14 filhos varões. Logo, teria se estabelecido uma rixa entre os homens comandados por França e aqueles comandados pelo líder do Alto dos 14, de sorte que quando havia samba no Reino de França, o pessoal do Alto dos 14 não ia, sob pena de brigas terríveis. Da mesma forma, nos sambas do Alto, o pessoal comandado por França, também não comparecia.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Site: <http://amoscanomeupao.blogspot.com.br/>. Acesso em 10/01/2017.

Com a chegada da feira livre, a dinâmica do bairro mudou completamente, a paisagem ao redor do espaço no qual hoje a feira está localizada, vai mudando por inteiro. Para Fernandes, as mudanças na paisagem se caracterizam como sendo uma “segunda natureza” em que os campos cultivados, os caminhos, os moinhos e as casas, entre outros, compõem um conjunto de formas espaciais onde configuram a organização espacial (FERNANDES, 2014, *apud* CORRÊA, 2000).

As primeiras transformações sendo a pavimentação e abertura de ruas no entorno do Grêmio, presença de seguranças. O Grêmio também se reestruturou ganhando contornos que ajuda na mudança da paisagem do bairro.

As novas ruas dão fluidez ao território da feira, principalmente na saída que vai para a cidade de Ipueiras, observa-se nessas ruas a construção de casas e estabelecimentos comerciais, substituindo a vegetação nativa. Já a pavimentação das antigas ruas no entorno do Grêmio melhorou a acessibilidade dos feirantes e consumidores e moradores que residem do bairro.

Essas obras vêm contribuindo na mudança também dos bairros circunvizinhos, com destaque para os Bairros Boa Vista, Mina e Cafute, em que o processo de valorização do solo urbano é crescente.

As principais atividades comerciais do bairro são as “Bodegas”, mercados que atendem a população local com produtos de demanda cotidiana, também se encontram padarias, pizzarias e praças públicas. Nesse bairro se encontra as escolas, uma da rede pública municipal, chamada Maria Laura Sampaio e uma particular, o Centro Educacional Mundo Encantado (CEME).

Também se encontra no bairro uma sucursal da Secretariado Meio Ambiente do Estado (SEMA), sede da Área de Proteção Ambiental (APA) da Bica do Ipu. Também encontramos órgãos da prefeitura municipal, como o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

## **4. PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS: DA TEORIA À PRÁTICA**

### **4.1. Oficina realizada na E.E.E.P. Antônio Tarcísio Aragão**

A inserção na sala de aula foi muito importante para o andamento da pesquisa, visto que os alunos são sujeitos fundamentais nessa etapa, sua visão, o seu entendimento sobre o tema da pesquisa, é que vão nortear os resultados obtidos. A graduação em Geografia no âmbito da licenciatura deve não apenas trazer um rico instrumental de informação ao graduando, mas também analisar, propor melhorias para a abordagem pedagógica da Geografia. No caso, ajudar os alunos a

análise e reflexão geográficas a partir do estudo do espaço urbano em que estão inseridos, do qual são sujeitos vivedores, fazedores.

Preparou - se uma oficina voltada à turma do 2º ano do Ensino Médio, que conta com 34 alunos, oriundos do próprio município e de municípios circunvizinhos, como Pires Ferreira.

A oficina teve como título “Um Novo Olhar Geográfico”, e teve como principal objetivo entender o fenômeno socioespacial que está ocorrendo na cidade de Ipu-CE, com a realização da feira livre, e a relação existente entre os alunos visto que a feira não pode ser vista por ela mesma. A oficina teve no total 6 etapas. A primeira etapa era a explicação do texto sobre as feiras livres, a segunda era a ida dos alunos a feira; na terceira trocou - se experiências (“Eu fui a feira, e você o que acha?”), na quarta etapa, focou - se a criação de um desenho que retratasse, como na cartografia, o espaço da feira, aliando aprendizagem espacial e criatividade; a quinta etapa foi a realização de um questionário e a última foi a exposição de desenhos e fotografias, resultados da pesquisa para toda a escola.

Para um melhor entendimento de como foram os resultados obtidos com a realização da oficina, abordaremos abaixo os dados obtidos com a aplicação dos questionários.

Foi colocado no questionário se os alunos gostavam das aulas de Geografia, e depois da tabulação dos dados constatou que dos 34 alunos, 29 dizem gostarem das aulas de Geografia, e os outros 5 alunos restantes preferem outras disciplinas.

Questionou - se se os alunos gostaram da oficina realizada em sala de aula, ao que todos disseram “sim”. Foram selecionadas algumas respostas em relação a essa pergunta:

**Aluno A:** “-Sim. Pois a partir da oficina, pude expressar o meu ponto de vista sobre a feira livre da minha cidade”.

**Aluno B:** “-Sim, pois me trouxe a oportunidade de visualizar de forma diferente a feira livre de Ipu”.

**Aluno C:** “-Sim, pois foi diferenciado, fez com que tivéssemos uma nova visão em relação a feira”.

Quando perguntados se eles já tinham estudado a feira livre nas aulas de geografia, disseram que não, colocaram que nunca tinham estudado algum assunto sobre a feira livre de Ipu-CE dentro dos conteúdos de geografia.

Posteriormente vem a pergunta se eles aprovaram a mudança da Feira Livre de Ipu-CE, analisamos que, 74% disseram que sim e outros 26% que não. Sobre a mudança de percepção em relação à feira depois da oficina, 22 disseram que sim, mudaram a sua percepção em relação à feira livre de Ipu, e 12 alunos colocaram que não.

## 5. Considerações finais

Através dessa pesquisa consegue-se analisar as transformações socioespaciais da feira livre de Ipu-CE e suas características principais, tais como agentes envolvidos em sua realização, forma de organização e suas principais mudanças. De posse desses elementos para estudo, vem o convite para se montar uma estratégia de abordagem no ensino da Geografia, levando os alunos a um olhar atento, capaz de enxergar a feira como produto e processo da construção e reconstrução socioespacial em Ipu (CE).

Para tanto, caminhou – se na perspectiva dessas questões que envolvem a feira para chegar ao espaço da escola, por meio de uma oficina, que trabalhou as etapas de análise e produção criativa, na E.E.E.P. Antonio Tarcísio Aragão.

Há de se destacar, entretanto, que um trabalho capaz de conduzir à análise geográfica de forma significativa só poderia vir com uma análise mais completa. Por isso, contou – se com um trabalho de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo sobre a feira como fenômeno socioeconômico e cultural, analisando os diferentes elementos que a constituem, percurso que culminou no trabalho em sala de aula.

Constatou – se que para muitos alunos, que também são sujeitos sociais, a feira é só um espaço de vender roupas. Não há o entendimento de que a feira livre provoca várias transformações e que ao longo da sua existência se tornou uma prática social e econômica, principalmente na região Nordeste do país.

Vale destacar que não se colocou todos os dados que se conseguiu na realização da pesquisa de campo, visto que a Feira Livre de Ipu-CE continua sendo estudada, em projeto futuro.

A aplicação dos questionários, as conversas com moradores locais, a amizade com os alunos, proporcionou experiências únicas como pesquisador, constituem – se como fortes contribuidores para a formação profissional e para a formação cidadã, pautada nas qualidades de ser crítico e ativo na sociedade. Espera - se que a metodologia utilizada nesta pesquisa possa contribuir para a melhoria da prática docente em Geografia.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Alexandre Gonçalves de. **A Feira Central de Campina Grande – PB**: Refletindo sobre suas influências geográficas no contexto da cidade. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

ALVES, Maria Aparecida. Apontamentos sobre a informalização do trabalho no Brasil. **Humanitas**. Campinas, 4(2), p. 105-117, ago./dez., 2001.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**: vol. 1 - As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. Trad. Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CEARÁ (Governo do Estado), Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). **Perfil Básico Municipal (Ipu)**. Disponível em: <[www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)>. Acesso em: 10/11/2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano**. 4. Ed. Ática. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias geográficas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras do Nordeste**. Revista de Geografia da UFC, vol. 7, núm. 13, 2008, pp. 87-101. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2736/273620629009.pdf>>. Acesso em: 02/10/2015 *apud* MOTT, Luis Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande**: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP, 1975.

FERNANDES, Ademar. **Transformações Sócio-Espaciais do Bairro Colônia Santana**. Disponível em: <<http://cacalimas.blogspot.com.br/2014/08/transformacao-socio-espacial-do-bairro.html>>. Acesso em 23 janeiro de 2016 *apud* CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

GOMES, Maria Ferreira; ASSIS, Lenilton Francisco de. A dinâmica e a crise do comércio na cidade pequena de Cariré (CE). **Revista Geografar**. Curitiba, v. 3, n. 2, p. 13-33, jul/dez. 2008.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo; AMORA, Zenilde Baima. **As Metamorfoses da Feira Nordestina e os Circuitos Espaciais da Confeção Popular no Estado do Ceará**. Anais Eletronicos... VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Agosto de 2014. Vitória/Espírito Santo.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo; AMORA, Zenilde Baima. **As Metamorfoses da Feira Nordestina e os Circuitos Espaciais da Confeção Popular no Estado do Ceará**. Anais Eletronicos... VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Agosto de 2014. Vitória/Espírito Santo *apud* MELO, M. C. P. de; TEIXEIRA, M. J. Indústria de confecções no Ceará: uma análise dos investimentos dos anos 90. In: AMARAL FILHO, J. **Federalismo fiscal e transformações recentes no Ceará**. Fortaleza: INESP, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MAIOR, Armando Souto. **História Geral**. São Paulo, Editora São Paulo, 1978.

MELO, Antonia Nívea Cota. **Mercado de Trabalho: Trajetórias de Vida e Sociabilidade: Um Estudo sobre a Feira de Confeções de Ipu-CE**. 2014. 56f. Monografia. (Licenciatura em Ciências Sociais). – Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral-CE. 2014.

PAZERA JÚNIOR, E.. **A Feira de Itabaiana-PB**: permanência e mudança. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

PASSOS, Leila Janaina Martins. **A Geografia da feira do Ipu em sala de aula**. 2005. 39f. Monografia

(Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral-CE, 2004.

SILVA, Antônia Ivone Farias. **Caracterização dos circuitos da economia urbana na cidade de Cariré-CE**. 2009. 54f. Monografia (Bacharelado em Geografia), Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2009.

SILVA, E. M.; SILVA, J. M. *et al.* **O desenvolvimento econômico e social da feira livre de Umbaúba, 1989 a 2009**. WebArtigos. Fev, 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-desenvolvimento-economico-e-social-da-feira-livre-de-umbauba-1989-a-2009/33163/>>. Acesso em: 10/09/2015.

SOUSA, Luiz Gonzaga de. **Memórias de economia. Ensaios: a realidade brasileira**. Edição eletrônica. Texto completo em: <[www.eumed.net/cursecon/libreria](http://www.eumed.net/cursecon/libreria)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

TAVARES, Luciana Teófilo. **A realocação da feira central de Queimadas-PB**. 2015. 41f. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, 2015.

VIEIRA, Rute. **A Feira Livre de Taperoá - PB**. 2004. 94f. Monografia (Bacharelado em Geografia), Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.